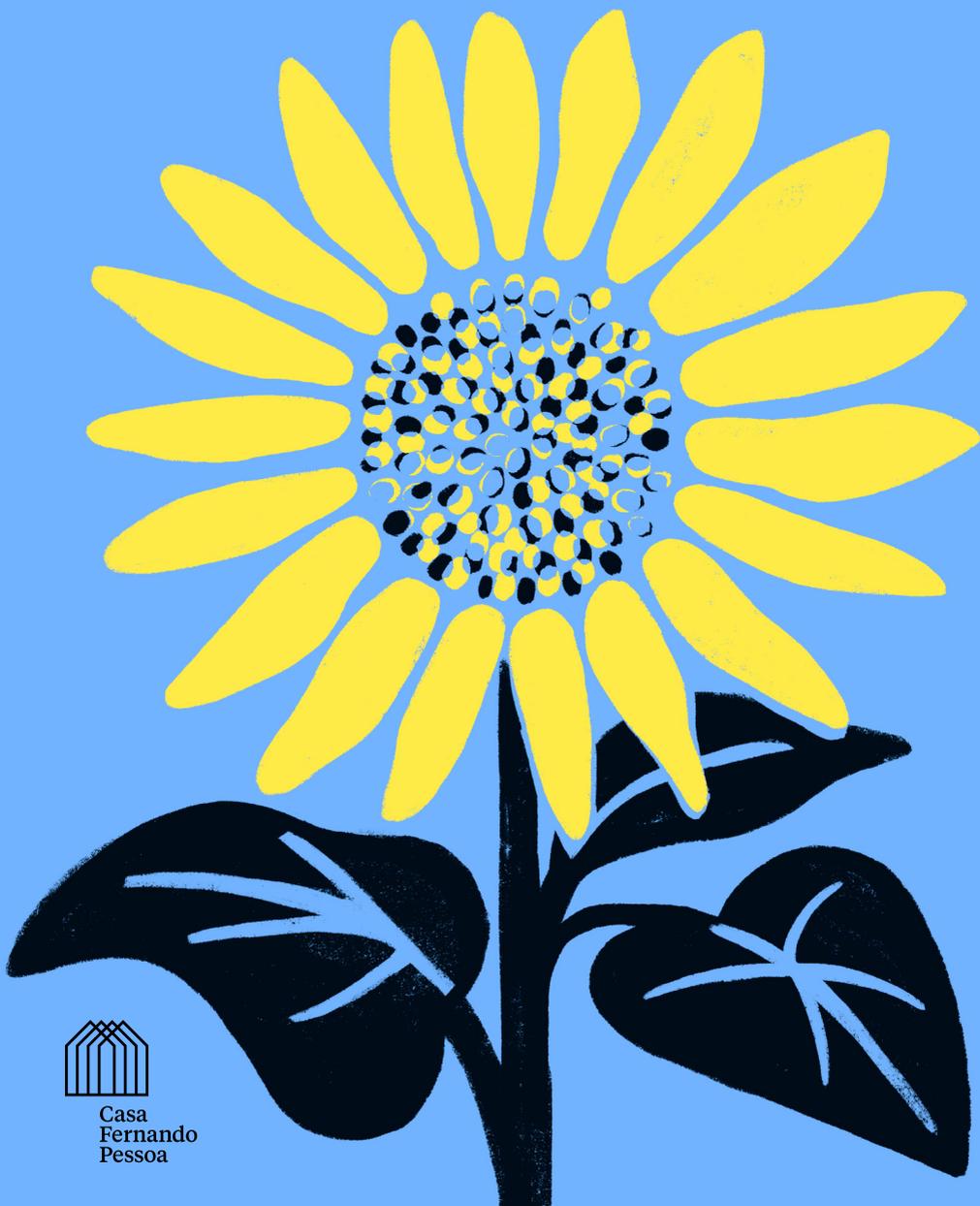


# Quando a primavera chegar

10 poemas de guerra



Casa  
Fernando  
Pessoa

# **Quando a primavera chegar**

10 poemas de guerra

Poesia ucraniana traduzida  
por poetas portugueses

# Quando a primavera chegar

10 poemas de guerra

## Poemas de

Borys Khersonsky

Halyna Kruk

Kateryna Kalytko

Kateryna Mikhalitsyna

Oleg Kadanov

Oleksandr Irvanets

Olga Bragina

Pavlo Korobchuk

Svitlana Povalyaeva

Vasyl Makhno

## Traduções de

João Luís Barreto Guimarães

Jorge Sousa Braga

Matilde Campilho

Miguel Martins

Raquel Nobre Guerra

Regina Guimarães

Ricardo Marques

Rosalina Marshall

Tatiana Faia

Vasco Gato



Casa  
Fernando  
Pessoa

**Título:** *Quando a primavera chegar — 10 poemas de guerra*

**Autores:** Borys Khersonsky, Halyna Kruk,  
Kateryna Kalytko, Kateryna Mikhalitsyna,  
Oleg Kadanov, Oleksandr Irvanets, Olga Bragina,  
Pavlo Korobchuk, Svitlana Povalyaeva, Vasyl Makhno

**Traduções:** João Luís Barreto Guimarães, Jorge Sousa Braga,  
Matilde Campilho, Miguel Martins, Raquel Nobre Guerra,  
Regina Guimarães, Ricardo Marques, Rosalina Marshall,  
Tatiana Faia, Vasco Gato

**Organização:** Casa Fernando Pessoa / EGEAC

© dos autores

© dos tradutores das versões inglesas

© das traduções portuguesas pertencem à Casa Fernando Pessoa/EGEAC

**Capa:** Joana Estrela

**Grafismo:** Pedro Serpa

Dezembro de 2022

Foi respeitada a opção ortográfica de cada tradutor.

A Casa Fernando Pessoa agradece a Miguel Mesquita da Cunha,  
a Evgenia Lopata do Meridian Czernowitz,  
ao National Translation Month e ao Chytomo media.



#translationmonth

Estes 10 poemas foram selecionados a partir de recolhas de poesia ucraniana, feitas pelo National Translation Month (NTM) e pelo Chytomo media.

These 10 poems were chosen from special features dedicated to Ukrainian poetry, organized by the National Translation Month (NTM) and Chytomo media.

## Índice

Poesia de guerra, <i>Clara Riso</i>	6
<b>Borys Khersonsky</b>	7
<i>E então, irrompeste sem aviso prévio</i> <i>Traduzido por Rosalina Marshall</i>	
<b>Halyna Kruk</b>	11
<i>tu estás de pé, com um cartaz «não à guerra»</i> <i>como se fosse uma indulgência</i> <i>Traduzido por Ricardo Marques</i>	
<b>Kateryna Kalytko</b>	15
<i>A menos de um dia da guerra</i> <i>Traduzido por Vasco Gato</i>	
<b>Kateryna Mikhalitsyna</b>	18
(filho / deveres de eloquência) <i>Traduzido por Regina Guimarães</i>	
<b>Oleg Kadanov</b>	21
<i>Sou uma bateria que continua a funcionar</i> <i>Traduzido por Tatiana Faia</i>	
<b>Olga Bragina</b>	24
<i>daqui não há como sair porque é demasiado curta</i> <i>a distância a um tiro depois da paz</i> <i>Traduzido por Raquel Nobre Guerra</i>	

Oleksandr Irvanets	27
Sábado, 5 de Março	
<i>Traduzido por João Luís Barreto Guimarães</i>	
Pavlo Korobchuk	30
<i>quando a primavera chegar e o inverno abrandar</i>	
<i>Traduzido por Jorge Sousa Braga</i>	
Svitlana Povalyaeva	33
<i>ainda que sejas soldado e não possas ir — podes,</i>	
<i>    pelo menos, caminhar, o que é óptimo</i>	
<i>Traduzido por Miguel Martins</i>	
Vasyl Makhno	36
Guerra	
<i>Traduzido por Matilde Campilho</i>	
Notas biográficas dos tradutores	41

## Poesia de guerra

Aqui podem ler-se 10 poemas ucranianos escritos recentemente, em tempos de guerra. Apresentam-se 10 poetas da Ucrânia em tradução feita por 10 poetas portugueses. Poetas traduzem poetas, neste caso concreto através do intermédio de versões inglesas que serviram de ponte. Os poemas, escritos nos primeiros meses da guerra, circularam livremente como anexos de email, em documentos preparados por uma organização internacional que promove a divulgação da tradução literária — National Translation Month — e por um projeto ucraniano independente de cultura e edição — Chytomo. A escolha dos autores foi feita por Evgenia Lopata, editora e organizadora do Festival de Poesia Meridian Czernowitz. A Casa Fernando Pessoa solidariza-se com quem continua a escrever e a trabalhar na edição de poesia na Ucrânia, acreditando que a literatura tem uma palavra a dizer.

**Clara Riso**

Diretora da Casa Fernando Pessoa

Dezembro 2022

# Borys Khersonsky

**Boris Khersonsky** (Chernivtsi, 1950) é poeta, tradutor e professor de psicologia clínica. Nos tempos soviéticos, Khersonsky fazia parte do movimento Samizdat, que disseminava literatura alternativa e não conformista por meio de publicações não oficiais. Publicou mais de 19 livros de poesia e ensaios em russo e, mais recentemente, em ucraniano. É unanimemente considerado um dos poetas mais proeminentes da Ucrânia. Foi o poeta laureado do Laurels Poetry Festival de Kyiv (2008) e distinguido com os prêmios Brodsky Stipend (2008), o Prémio Especial do Júri no Festival Literaris de Literatura do Leste Europeu (2010) e o Prémio Russo (2011).

Traduzido por **Rosalina Marshall**  
a partir da tradução de Nata Vygovskaya e Anna Geisherik

E então, irrompeste sem aviso prévio,  
trouxeste à tua amante um bouquet  
de tanques, helicópteros, mísseis de cruzeiro em vez de flores,  
disseste-lhe: a culpa é tua, aqui está uma bomba, uma granada,  
Cabra, como te atreves a magoar o teu irmão mais velho?

Isso não é um foguete de treino, podes ter a certeza disso.  
Não estamos a entrar, estamos a divertir - cala-te, cabra.  
Joelhos separados, sangue no lençol — é isso que é o amor.  
Estamos a impor-te a paz, um jantar servido com um zakuski blindado.  
Isto não é um mundo qualquer. Isto é um mundo Russo. Compreendes? Russki!

Russo, quantas vezes devo repetir?  
Agora, veste-te e faz-me uma sanduíche!  
Onde está o teu protector? Longe a abanar a língua?  
Não sonhaste sempre em ter um namorado assim?  
Aquele que ameaçaria deixar o seu agressor falido?

Insulta o nosso papá chamando-lhe clepto paranóico,  
e ao homem Russo - um vigarista e um alcoólico.  
Viemos com fogo. Recebem-nos com o fogo?  
Dizes vai-te foder para que continuemos fodidos.  
Como costumam dizer, até nova ordem,

Ali - na zona íntima, há muito espaço para batalhas.  
Ou nos lançaremos num ataque aéreo ou dispararemos mísseis.  
Reconheceste-me, não foi? Sou eu, o teu Caim, o teu irmão mais velho.  
Oh, tens um anjo da guarda? Mas nós temos aviões.  
Estamos a esmagar-te com os nossos arquivos secretos, com os nossos ecrãs de televisão,

Empurraremos um tirano num preservativo transparente para dentro de ti,  
Temos a praça vermelha e faremos aí um desfile.  
Anda, monta o teu ex-cavalo branco morto,  
Ele está coberto de sangue, vômito, sujidade e merda.  
Estou a escrever merda e o corrector ortográfico corrige para metida.

Boa noite, camaradas - num lençol sujo, numa mortalha,  
No vosso país amado que contaminaram e conspurcaram.

# Halyna Kruk

**Halyna Kruk** (Lviv, 1974) é escritora, tradutora e crítica literária. Tem um doutoramento em Literatura Ucraniana e está atualmente a fazer investigação em literatura medieval ucraniana. É autora de cinco livros de poesia: *Journeys in Search of a Home*, *Footprints on Sand* (ambos de 1997), *The Face beyond the Photograph* (2005), *Co(an)existence* (2013), *An Adult Woman* (2017) e do livro de contos *Anyone but me* (2021). Kruk tem sido amplamente publicada em revistas literárias e ganhou dois prémios literários ucranianos. Os seus poemas e contos foram traduzidos para mais de 20 línguas.

Traduzido por **Ricardo Marques**  
a partir da tradução de R. B. Lemberg

tu estás de pé, com um cartaz «não à guerra» como se fosse uma indulgência  
ao que não pode ser mais revertido,  
a guerra que não pode mais ser revertida,  
é como o lustroso sangue de uma artéria ferida,  
ele flui lentamente até te matar,  
entra nas nossas cidades com gente armada,  
espalha grupos subversivos pelos nossos pátios interiores,  
são como bolas de mercúrio letais que não podem ser apanhadas,  
nem viradas ao contrário, apenas traçadas e destruídas  
por esses gestores civis, escriturários, informáticos e estudantes,  
a vida não os preparou para os combates urbanos, mas a guerra sim  
nas condições do terreno, com as pressas, no terreno dolorosamente conhecido  
as defesas territoriais admitem primeiro aqueles com experiência de batalha,  
e depois aqueles que lutaram apenas no *Dune* e no *Fallout*  
que fizeram uma pequena *masterclass* sobre como preparar cocktails explosivos  
dada por um barman conhecido. Na discoteca mais próxima as crianças  
estão a dormir,  
estão a chorar,  
e estão a nascer  
para o mundo em que agora é impróprio para viver,  
no parque infantil, um conjunto de ouriços antitanque  
e de bebidas mortíferas são servidas — agora um negócio familiar  
para todos os parentes, que assim experimentam a alegria da comunicação  
e do trabalho coletivo coordenado — a guerra diminui a distância  
entre duas pessoas, entre o nascimento e a morte  
entre o que não queríamos para nós  
e o que éramos capazes de fazer  
— mãe, atende — implora uma mulher  
há mais de uma hora nas caves de um prédio de habitação

teimosa e estupidamente, não desistindo de acreditar em milagres,  
mas a mãe dela não está disponível, ela está nos subúrbios  
onde as casas caem como castelos de cartas  
devido à ofensiva total  
onde as torres de comunicação deixaram de poder comunicar  
desde ontem  
onde o mundo se desmoronou no antes e depois  
ao longo da dobra desigual do cartaz «não à guerra»  
que tu atirarás para o caixote de lixo mais próximo  
ao voltar para casa depois dos protestos, oh, poeta russo

a guerra mata com mãos indiferentes  
e até com as ociosas mãos de simpatizantes.

# Kateryna Kalytko

**Kateryna Kalytko** (Vinnytsia, 1982) é poeta, romancista e tradutora. Publicou seis livros de poesia e um romance. Os seus poemas apareceram em várias antologias de literatura ucraniana e os seus trabalhos foram traduzidos para inglês, polaco, alemão, hebreu, russo, arménio, italiano e sérvio. Kalytko é uma aclamada tradutora, que traduz de bósnio, croata e sérvio para ucraniano. Recebeu o prémio Metaphora em 2014 pela sua tradução dos trabalhos de Miljenko Jergović. Kalytko é também a fundadora do Intermezzo Short Story Festival, o único festival na Ucrânia dedicado unicamente ao género do conto.

Traduzido por **Vasco Gato**  
a partir da tradução de Oles Petik

A menos de um dia da guerra  
tivemos uma discussão:  
estúpida, abrupta, contundente,  
como se não bastasse já a ansiedade,  
como se ambos  
tivéssemos bebido um gole de ácido sulfúrico.  
Quem haveria de saber? Toda a gente sabia.  
A iminência assemelha-se a uma poeira radioactiva,  
desfazendo os vínculos entre palavras  
e transformando o que se disse  
num tumor sanguíneo.  
Tem sido esse o contexto das nossas conversas nas últimas semanas,  
e é por isso  
que a nossa suposta sinceridade  
não pára de ganir como um cão  
adorado que absorveu uma dose de radiação  
e merece a misericórdia de ser abatido.  
É mais fácil agora, pois a guerra começou, mais fácil,  
pois tudo se esclareceu entretanto em relação à vida anterior,  
à discordância,  
ao âmago,  
ao ar.

# Kateryna Mikhalitsyna

**Kateryna Mihkalitsyna** (Mlyniv, 1982) é poeta, escritora de livros infantis, tradutora e editora. Enquanto estudava Biologia, envolveu-se numa comunidade literária para crianças e jovens. Fez um mestrado em Língua e Literatura Inglesas. Trabalhou como copywriter, explicadora de Inglês e Biologia, tradutora de artigos de Genética e Farmácia. Começou a trabalhar na área livreira como editora e tradutora na Astrolia Publishing House. Desde 2013, é vice-editora-chefe da Old Lion Publishing House. Envolveu-se em projetos artísticos e sociais de promoção da leitura e participa regularmente — seja como autora, editora, tradutora ou moderadora — nos maiores encontros literários da Europa.

Traduzido por **Regina Guimarães**  
a partir da tradução de Ksenyslava Krapka

## (filho / deveres de eloquência)

«mãe, donde vem a guerra?» — pergunta ele baixinho e logo a seguir, sem pausa: «a guerra é um desastre, certo? por alguma razão rebentou? como por exemplo, sabes, a malvadez...»

ela sente-se como se a cabeça tivesse levado uma bordoadada desferida por uma barra de ferro tiraram-lhe o tapete, arrancaram-lhe o cérebro para fora do crânio. «onde foste tu buscar isso, filho?..»

«talvez tenhamos jogado à palha curta, mãe, talvez tenhamos puxado a palhinha errada no fardo de Deus? talvez quiséssemos subir até tocar o céu, quando isso era pecado como fizeram os homens da Babilónia, sabes, e a torre desabou, sabes, contaram-me isso na escola...»

ela retém as lágrimas, com todo o fel que elas contêm, cala-se e respira a custo o ar das palavras não ditas.

«mãe, diz-me uma coisa, as guerras também se pagam? — ele embacia expirando para um naco de janela e desenha uma forma no vidro baço. aqui fica a Crimeia, aqui Donetsk — inviolados, não é? territórios intactos intocADOS e nossos — é assim, não é, mãe?»

respirando a custo as palavras ditas desta vez, «intocÁVEIS» — sugere ela então. ele cola a bandeira bicolor no meio do desenho na janela. — «e onde, onde raio foste tu buscar essas palavras tão pouco infantis?»

# Oleg Kadanov

**Oleg Kadanov** é músico, ator e poeta. Publicou um livro de poemas intitulado *Not me, but that one* que foi considerado o melhor livro de poesia pelo Comité de Rádio e Televisão da Ucrânia e ficou na lista do Kyiv Book Arsenal de 2018. Compôs a peça *A Dream of a Better Land* (Poznań, Polónia), que entra no filme *The Kharkiv Holocaust*, vencedor do prémio de melhor documentário no International Film Festival de Kyiv. É um dos criadores do projeto Mannerheim Line e lidera o projeto musical Kerouac's Mantra. Foi diretor de arte do Kharkiv Club Cult e o curador da parte musical do festival de arte contemporânea Parade Fest, em Kharkiv, na Ucrânia.

Traduzido por **Tatiana Faia**  
a partir da tradução de R. B. Lemberg

Sou uma bateria que continua a funcionar  
mesmo com carga negativa  
arame farpado de um grito na garganta  
toda a gente escuta  
mas ninguém pode ouvir  
como o baixo, ansioso som  
pulsa no céu  
é a voz de deus  
deus desnecessário para ninguém  
há dez dias completos  
que chove pedra vermelha  
é tempo de ler  
o manual da reencarnação:  
em caso de emergência  
1. a) partir o vidro da calma  
2. b) apagar a camada protectora de medo  
olha, aqui tens  
a fórmula molecular do amor  
usa-a, depois passa-a às crianças

# Olga Bragina

**Olga Bragina** (Kyiv, 1982) é poeta, escritora de prosa e tradutora. Licenciou-se em Tradução pela Universidade Nacional de Linguística de Kyiv. Bragina é autora de seis livros: *Applications* (2011), *Namedropping* (2012), *Background Light* (2018), *Speech is Like a Flash Lamp* (2020), *Prisms of Pleroma* (2021) e *Pelicans* (2021). Tem publicado regularmente em diversas revistas literárias. Traduziu o livro de poemas de John High *Vanishing Acts* e o livro de Katie Farris *Ice for You* para russo — foram publicados em Kyiv, em 2018 e em 2021, respetivamente.

Traduzido por **Raquel Nobre Guerra**  
a partir da tradução de Yuliia Kostiuk

daqui não há como sair porque é demasiado curta a distância a um tiro depois da paz  
a guerra apalpa o seu próprio corpo  
entre aqueles que como nós foram expulsos das universidades da verdade histórica  
erguida sobre as cinzas dos sentidos  
toma aqui está o meu coração como prova de que a vida não passa assim  
não há como sair daqui porque as crianças desenham frutos de outono  
nas paredes caiadas de branco incrível folheado de pensamentos  
aí nessa superestrutura até à base é onde o míssil vai cair com raios de luz quente  
como se ainda fosse primavera  
daqui não há como sair porque o mundo está pintado a sangue e carnações de sombra  
mais cedo ou mais tarde a guerra vai acabar e tu para onde vais  
a paz não existe que importa isso afinal são malvas esse germe gerado por uma loba  
aqui corpo envenenado vai ser uma nova cidade onde pessoas felizes vão sair de casa  
para uma pintura contando quantos de nós terão restado  
isto é quase amor a tudo o que pode ser perdido a tudo o que dura apenas um dia  
como uma borboleta na alma  
daqui não há como sair porque o mundo tem-nos debaixo de olho  
espia-nos por um microscópio onde é excitante espetar a agulha espicaçar  
o corpo contorcido no soluto vê-lo flutuar na água a alma  
é demasiado pequena para proteger o mundo guarda os desenhos está em guerra consigo  
fomos rasgados ao meio  
não reconheceremos mais esta cidade e de nada serve olhares para dentro dos olhos  
esse espelho mente que tenhas existido do lado de lá por detrás da cortina  
há um mundo quente uma primavera de outubro que palpita táctil sob a pele  
sangue pulsado do coração que deve estar vivo de outro modo  
para onde irás quando vier a paz  
e eu que vou aprender a desenhar para que tudo se torne real

# Oleksandr Irvanets

**Oleksandr Irvanets** (Lviv, 1961) ficou conhecido em 1985 como co-fundador do grupo poético Bu-Ba-Bu, que procurou quebrar tabus linguísticos e literários na Ucrânia. O seu aclamado romance *Rivne/Rovno* (2001) passa-se na cidade com o mesmo nome: Rivne (em ucraniano) e Rovno (em russo), que está dividida por um muro que simboliza «a mentalidade esquizofrénica» pós-soviética. Irvanets escreveu vários livros de poemas, desde 1986. O seu estilo de escrita é irónico e muitas vezes sarcástico, procurando dessacralizar grandes símbolos. Irvanets escreveu também várias obras em prosa, além de peças para teatro e cinema. O seu livro *Five Plays* (2002) foi traduzido para alemão, francês, inglês, polaco e croata.

Traduzido por **João Luís Barreto Guimarães**  
a partir da tradução de Ella Yevtushenko

## Sábado, 5 de Março

Desde a cidade derruída por mísseis  
Gritarei ao mundo inteiro:  
Este ano, no Domingo do Perdão,  
Não perdoarei os erros dos outros.

Mundo, oh mundo, quão pérfido é teu abandono!  
Mas com toda esta dor e toda a desgraça  
Kiev está de pé com suas cúpulas douradas,  
Bucha e Irpin estão de pé também.

Iremos sobreviver a isto, iremos resistir,  
Sob céus de paz limparemos a nossa terra  
Dos corpos que o maldito vampiro careca  
Com olhos de leitão enviou para aqui.

Também eu sobreviverei ao bombardeamento,  
Firme e de pé sobre a minha terra natal.

Rússia, nunca terás o meu perdão.  
... Bielorrússia, tu ainda és nossa amiga?

# Pavlo Korobchuk

**Pavlo Korobchuk** (Luzk, 1984) é poeta, escritor de prosa e jornalista ucraniano. Começou a despertar a atenção pública como participante de encontros de poesia dita. Em 2004, ganhou o prémio literário da editora Smoloskyp, ao qual se seguiram vários outros. Ao seu livro de estreia *Nachenebo* (Fasting, 2005), seguiram-se outros volumes de poesia, bem como romances e contos. Escreve textos jornalísticos e crítica literária e trabalha para a rádio. Korobchuk também é músico e é habitual juntar a música e a poesia — também em colaboração com outros artistas. Os seus textos foram traduzidos para mais de 10 idiomas e publicados em revistas e antologias na Ucrânia, Itália e Polónia.

Traduzido por **Jorge Sousa Braga**  
a partir da tradução de Nika Gorovska

quando a primavera chegar e o inverno abrandar  
quero oferecer-te flores  
mas primeiro deixa que a nossa defesa anti-aérea  
derrube os mísseis inimigos

quero encontrar-me contigo na estação de comboios  
para podermos nadar no rio à noite  
mas primeiro tenho de combater  
e tu tens ajuda humanitária para entregar

quando voltar a haver verão e silêncio nos terraços  
quero acariciar-te ao amanhecer  
mas primeiro deixa os ogres terminarem os seus bombardeamentos  
e arderem nos seus malditos tanques, quando retirarem  
ninguém abandonará a sua vida futura  
nenhum de nós aqui se assusta  
com a saída do abrigo para a liberdade nós lutamos  
enquanto nos beijamos ao som das sirenes

# Svitlana Povalyaeva

**Svitlana Povalyaeva** é escritora e poeta. Trabalhou vários anos como jornalista nos principais meios de comunicação ucranianos. É autora de oito livros, um dos quais de poesia, intitulado *Depois da Crimeia* e escrito após a anexação da Crimeia pela Rússia. Ao longo dos anos, participou em inúmeros eventos literários, festivais e fóruns, como autora, apresentadora e palestrante. O seu filho mais novo, Roman Ratunyi, era um conhecido ativista ucraniano, que se alistou como voluntário no exército aquando da invasão russa. Morreu na frente de batalha, em junho de 2022.

Traduzido por **Miguel Martins**  
a partir da tradução de Odarka Bilokon

ainda que sejas soldado e não possas ir — podes, pelo menos, caminhar, o que é óptimo  
um soldado de infantaria tem noção da variedade dos solos, da topografia e das distâncias  
mas, a toda a volta, só há água do mar e os contornos das margens esbatem-se na tua  
imaginação,  
e as placas tectónicas  
estão nas profundezas inacessíveis — não se pode confiar, os teus pensamentos carecem  
de oxigénio, sentes uma pressão vinda de todos os lados  
não se pode confiar na esperança e também não se pode confiar no medo  
se vais cortar uma árvore, primeiro grita «Saíam!»  
porque estás na floresta — não estás sozinho, nunca estás sozinho na terra, multiplica por  
ataques de asas abertas  
um piloto faz descolar um avião, um navio chega aos rápidos do Dniepre vindo do mar  
olá, irmão, só existe um ponto verde... online — estás à espera de que ele se acenda  
tu e eu ficamos no limite — entre o chão, a água e o céu —, nada se tornou realidade por  
enquanto

# Vasyl Makhno

**Vasyl Makhno** (1964, Chortkiv) é poeta, escritor de prosa, ensaísta e tradutor. É autor de 14 livros de poesia, sendo o mais recente intitulado *One Sail House* (2021). Também publicou um livro de contos, um romance e quatro livros de ensaios. Os trabalhos de Makhno foram traduzidos para várias línguas; os seus livros foram publicados na Alemanha, Israel, Polónia, Roménia, Sérvia e Estados Unidos da América. Dois dos seus livros de poesia, *Thread and Other New York Poems* (2009) e *Winter Letters* (2011), foram publicados em edição inglesa. Makhno foi distinguido com o prémio Kovaliv Fund (2008), o prémio international Povele Morave in Poetry da Sérvia (2013), o prémio Livro do Ano da BBC (2015) e o prémio literário judaico-ucraniano «Encontro» (2020).

Traduzido por **Matilde Campilho**  
a partir da tradução de Olena Jennings

## Guerra

Deus, como Tychyna escreve:  
«E Bely, e Block, e Yesenin»  
a forma como nos cercaram  
pelos quatro lados

dai-nos força e poder  
uma mala feita à pressa e pão  
naturalmente as suas raposas matreiras mentem  
sobre não termos nem escudos nem séculos

Ihor nos guia a algum lugar  
sobre o Dom com os seus regimentos  
hoje com a neve de Fevereiro  
e amanhã com um escudo em sangue

e as suas forças das trevas vêm de Tmutarakan  
e Mokshas e Chud  
disparam contra a nossa localização  
acertam nas posições que tomamos

então o que é que existe no *Conto da Campanha de Ihor*  
e o que é que existe nos antigos sons  
tu — saltando descalço como um lobo  
espalhando o cuspo do diabo

alcançaste os rios e fronteiras  
alcançaste o meu coração cerrado  
os teus ícones denegridos  
nem sequer podem ser limpos com leite

Deus, como Tychyna escreve  
sobre Kyiv — o Messias — sobre o país  
porque não decorámos estes poemas?  
Sangra — meu coração — sangra



## Notas biográficas

**Jorge Sousa Braga** nasceu em Cervães, concelho de Vila Verde, em 1957. É médico especialista em Obstetrícia e Ginecologia. Tem vários livros de poemas publicados, na sua maioria incluídos em *O Poeta Nu* (Assírio & Alvim, 2007). A sua visão da poesia tenta abarcar outros países e outras línguas, razão pela qual tem traduzido outros poetas, que foram alvo de edições autónomas ou incluídos em antologias.

**João Luís Barreto Guimarães** nasceu no Porto, em 1967. Escreveu 12 livros de poesia, editados pela Quetzal, vários deles premiados e traduzidos para diferentes línguas. Os primeiros sete foram reunidos em *Poesia Reunida* (2011), ao qual se seguiram *Você está Aqui* (2013), *Mediterrâneo* (2016), *Nómada* (2018), a antologia *O Tempo Avança por Sílabas* (2019), *Movimento* (2020) e *Aberto Todos os Dias* (2023). Venceu o Prémio Pessoa em 2022.

**Matilde Campilho** nasceu em Lisboa, em 1982. É escritora. Publicou dois livros: *Jóquei*, de poesia, e *Flecha*, de histórias curtas. Aos domingos à noite faz rádio.

**Miguel Martins** nasceu em Lisboa, em 1969. Como escritor, publicou mais de trinta livros, entre poesia, prosa e ensaio. Os seus poemas estão editados em numerosos países de línguas diferentes. Como tradutor, tem também mais de trinta livros editados, com destaque para obras de Cioran, Poe, Henry Roth, Lorca, Frédéric Gros, Rabelais, E. M. Forster, Terry Eagleton, Eric Knight, David Graeber, Alfred Jarry, Luigi Russolo e Foucault, entre outros.

## Notas biográficas

**Raquel Nobre Guerra** nasceu em Lisboa, em 1979. Publicou *Groto Sato* (Mariposa Azul, 2012); *SMS de Amor e Ódio* (Residências no Largo, 2013); *Saudação a Álvaro de Campos* (Palavras por Dentro, 2014); *Senhor Roubado* (Douda Correria, 2016). Em 2017 recebeu a bolsa de criação literária DGLAB. Em 2019, publicou a antologia bilingue *Una Coca-Cola Contigo* (Puro Pássaro, Bogotá). *Divisão da Alegria* (Tinta-da-china, 2022) é o seu mais recente livro.

**Regina Guimarães** nasceu no Porto, em 1957. A par da sua quotidiana escrita de poemas, tem trabalhado nas áreas do Teatro, da Tradução, da Canção, da Dramaturgia, do Desenho, da Educação pela Arte, do Vídeo. É co-fundadora do Centro Mário Dionísio — Casa da Achada. Com Ana Deus fundou a banda Três Tristes Tigres. Realizou inúmeras ações em torno da palavra dita e cantada. Organiza a Leitura Furiosa Porto.

**Ricardo Marques** (Sintra, 1983) é poeta e tradutor, tendo traduzido para português, entre dezenas de outros autores, Anne Carson, Billy Collins e Patti Smith. Publicou em 2021 a antologia *Já não dá para ser moderno* (Flan de Tal), onde propõe a leitura de seis poetas portugueses de agora. O seu último livro é uma antologia pessoal dos seus poemas, *Desiderio*, publicado pela não (edições) em 2022.

## Notas biográficas

**Rosalina Marshall** é poeta, tradutora, bibliotecária e investigadora. Nasceu em Lisboa e vive em Londres desde 2003. Publicou *Manucure* (Companhia das Ilhas, 2013), *Ginecologia - Considerações em defesa da virgindade de Nossa Senhora* (não edições), 2014), *Clorântida* (Douda Correria, 2015) e *Sebastião* (Mariposa Azul, 2017). Traduziu a antologia poética de Charles Bukowski *Os Cães Ladram Facas* e selecionou e traduziu a antologia poética de Ron Padgett *Poemas Escolhidos*.

**Tatiana Faia** (1986) é autora de quatro livros de poemas: *Lugano* (2011), *teatro de rua* (2013), *Um quarto em Atenas* (2018) e *Leopardo e Abstracção* (2020), e de um livro de contos, *São Luís dos Portugueses em Chamas* (2016). Em 2019, o Prémio Pen de Poesia foi atribuído a *Um Quarto em Atenas*. O seu livro mais recente é *Adriano* (não edições), 2022). Vive em Oxford há uma década.

**Vasco Gato** nasceu em Lisboa, em 1978. Publicou em 2000 o primeiro de treze livros de poesia, intitulado *Um Mover de Mão* (Assírio & Alvim). Em 2016, a Imprensa Nacional-Casa da Moeda lançou a reunião da sua obra poética com o título *Contra Mim Falo*. Publicou ainda a peça *Daqui Ninguém Entra* (Companhia das Ilhas, 2016) e o romance, *Adius* (Abysmo, 2020). Trabalha desde 2006 como tradutor literário.



**Quando a  
primavera  
chegar**

foi composto em caracteres Tiempos Text 9/14  
em dezembro de 2022.

